

Clipping de Notícias Comércio Exterior 05 de fevereiro de 2016



Brasília
2016



2016. Federação das Indústrias do Distrito Federal – Sistema Fibra

Todos os direitos reservados.

Informações e contatos

Federação das Indústrias do Distrito Federal – Sistema Fibra

Instituto Euvaldo Lodi – IEL/DF

Centro Internacional de Negócios – CIN/DF

SIA Trecho 3/4 Lote 225

Telefone: (61) 3362-6122

Site: www.sistemapibra.or.br

Presidente do Sistema Fibra

Jamal Jorge Bittar

Diretor Secretário

Paulo Eduardo M. de Ávila e Silva

Superintendente do IEL/DF

Cláudio Rodrigues Tavares

Centro Internacional de Negócios

Gerente

Viviane Brunelly Tavares Ribeiro

Equipe técnica

José Fernando Dantas de Sousa



Sumário

CNI

7 motivos para o Brasil assinar acordos comerciais.....	4
---	---

MDIC

Brasil adere a acordo internacional que elimina a necessidade de legalização de documentos públicos estrangeiros	6
--	---

Exame.com

Brasil quer livre comércio de carros com México e Argentina.....	7
--	---

Valor Econômico

UE rebaixa previsão de crescimento no euro.....	8
---	---

ABIT

Setor Têxtil: Indústria aposta nas exportações e na substituição de importados para voltar a crescer.....	9
---	---

EBC

Câmbio desvalorizado abre espaço para recuperação do setor têxtil	10
---	----

Agência de Notícias Brasil- Árabe

Brasil vai promover alimentos em Omã.....	12
---	----



7 motivos para o Brasil assinar acordos comerciais

Fonte: CNI

Data de publicação: 05/02/2016

A negociação de acordos comerciais é essencial para a recuperação da competitividade da indústria brasileira e deve ser uma ferramenta para melhorar as condições de acesso aos mercados externos para a indústria brasileira. Para o diretor de desenvolvimento industrial da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Carlos Eduardo Abijaodi, os acordos contribuem para definir regras e disciplinas que dão previsibilidade e estabilidade ao ambiente de negócios e aumentam a inserção do Brasil no cenário internacional. O país precisa de reformas domésticas, mas tais reformas sem os acordos não são suficientes para promover a maior inserção da indústria brasileira na economia mundial. A Agência CNI de Notícias elencou sete razões para o país estabelecer acordos. Confira:

1. Brasil está ficando isolado

A rede brasileira de acordos representa menos de 8% do acesso a outros mercados. O Brasil tem apenas 22 acordos preferenciais, a maioria pouco relevante. Para se ter uma ideia, o Chile possui preferenciais tarifários com 62 países. A Colômbia tem 60 mercados e, o Peru, 52. Todos eles têm acordos de livre comércio com Estados Unidos e União Europeia. O Brasil não.

2. Aumento das barreiras não-tarifárias

As negociações preferenciais do Brasil deverão buscar melhoria das condições de acesso a mercado para as exportações industriais brasileiras, mas a partir de um conceito amplo de acesso a mercados. As tarifas de importação como determinantes das condições de acesso a mercados vêm perdendo peso. Muitos países com mercados relevantes já não têm tarifas industriais elevadas ou fizeram movimentos de liberalização comercial unilateral na última década. Barreiras não tarifárias, técnicas, sanitárias e fitossanitárias tendem a ganhar mais peso nas políticas comerciais dos parceiros do Brasil e a negociação de acesso deveria incluir com prioridade esses temas.

3. Avanço das negociações Estados Unidos – União Europeia

Estados Unidos e União Europeia negociam a chamada Parceria Transatlântica. Caso o acordo seja firmado e o Brasil não possua parcerias similares com esses países, o impacto negativo para a economia brasileira será significativo: 14 dos 21 principais setores industriais perderiam até 3% da produção na hipótese das duas economias zerarem suas tarifas e reduzirem pela metade as barreiras não-tarifárias existentes entre si. Nesse mesmo cenário, o Brasil veria suas exportações caírem 5%.

4. Ganhos de escala

Ao melhorar as condições de acesso a mercados externos, os acordos comerciais contribuem para o aumento da demanda global por produtos



industriais brasileiros, propiciando economias de escala com redução de custos unitários de produção e aumento da competitividade.

5. Concorrência com produtos asiáticos

A emergência da China e de outras economias asiáticas trouxe profundas transformações para as condições de concorrência de produtos industriais no mundo. É fundamental que o Brasil obtenha acesso preferencial a mercados relevantes que permitam que o país concorra em condições mais vantajosas com produtores asiáticos. Igualmente importante é o reforço na regulação do comércio internacional para lidar com as políticas industriais típicas do capitalismo de Estado praticado em alguns países asiáticos.

6. Inserção nas cadeias de valor

Há crescente percepção de que o Brasil está desconectado das cadeias globais de valor. A participação mais ativa inclui vantagens como o acesso a conhecimento, tecnologias, técnicas de gestão, processos de certificação e padronização. A integração às redes de acordos preferenciais facilita a inserção nas cadeias regionais e globais de valor, melhorando as condições de concorrência nos mercados externos para produtos brasileiros de maior valor agregado e permitindo o acesso a insumos e componentes de maior qualidade a custos mais reduzidos.

7. Estabilidade de regras e previsibilidade

Para crescer e participar ativamente do comércio internacional, a indústria brasileira precisa investir no Brasil, mas também em outros países. Investimentos voltados para exportações ou em outras nações envolvem riscos elevados e demandam estabilidade de regras e previsibilidade. Os acordos de livre comércio são fontes importantes de produção de regras e um seguro para coibir mudanças bruscas nas políticas e práticas comerciais de outros países que possam afetar as exportações brasileiras e os investimentos brasileiros no exterior. Eles podem representar, também, um fator adicional na atração de investimentos estrangeiros voltados para a exportação a partir do Brasil.

Leia em:

<http://www.portaldaindustria.com.br/cni/imprensa/2016/02/1,81695/7-motivos-para-o-brasil-assinar-acordos-comerciais.html>



Brasil adere a acordo internacional que elimina a necessidade de legalização de documentos públicos estrangeiros

Fonte: MRE

Data de publicação: 04/02/2016

Na última sexta-feira, dia 29 de janeiro, o Brasil aderiu oficialmente à Convenção sobre a Eliminação da Exigência de Legalização de Documentos Públicos Estrangeiros (“Convenção da Apostila”), um acordo internacional que simplifica os processos para reconhecimento de documentos públicos de outros países, eliminando a necessidade da legalização diplomática ou consular.

O Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) teve ativa participação no processo de decisão para que o Brasil se tornasse parte da Convenção. Com a promulgação do Decreto nº 8.660, os documentos públicos podem ser validados diretamente pelo órgão que os expediu, sem a necessidade de autenticação posterior no Estado emissor ou no Estado receptor desses documentos.

De acordo com o Secretário de Comércio Exterior do MDIC, Daniel Godinho, a adesão do Brasil à Convenção simplificará processos de legalização de documentos, trazendo efeitos positivos para o comércio exterior. “Ao aderir à Convenção da Apostila, estamos buscando facilitar o fluxo internacional de bens e serviços, uma vez que as empresas brasileiras terão redução de custos de processamento e ganho de competitividade”.

A adesão ao acordo consta do relatório anual do Banco Mundial “*Investing Across Borders*” como elemento econômico e comercial de competitividade. Segundo o Banco Mundial, os países que não são parte da Convenção impõem um processo complexo e moroso para o reconhecimento de documentos públicos estrangeiros em seus territórios, afetando sua capacidade de atrair investimentos. A *International Chamber of Commerce* reconhece, também, o papel que a Convenção possui como facilitador do comércio.

Leia em:

<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/noticia.php?area=5¬icia=14312>



Brasil quer livre comércio de carros com México e Argentina

Fonte: Exame.com

Data de publicação: 04/02/2016

O Brasil quer livre comércio de veículos e autopeças com o México e a Argentina, afirmou o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Armando Monteiro, à Reuters nesta quinta-feira, em uma guinada ante o protecionismo em vigor.

O governo federal quer ampliar o comércio externo como forma de reduzir dificuldades da indústria nacional de veículos, além de aproveitar a vantagem da depreciação do real, que tem tornado produtos brasileiros mais competitivos frente a anos anteriores.

"Nossa indústria automotiva é muito competitiva e vai se beneficiar destes acordos", disse Monteiro em entrevista. "O país precisa ir no caminho do livre comércio." Mais cedo, o presidente da associação de montadoras no Brasil, Anfavea, Luiz Moan, havia comentado que o setor está buscando na renegociação do acordo automotivo com a Argentina, que estima no final de junho, o livre comércio.

Monteiro, que viaja na próxima semana para o México e a Argentina, está sob pressão de montadoras no Brasil que estão enfrentando dificuldades diante da crise econômica no país. Ele afirmou que a prioridade do governo é a renegociação do acordo automotivo com a Argentina e conversas avançadas para expansão do comércio com o México.

O ministro comentou que a liberação do comércio com a Argentina poderá ser gradual. Uma fonte do governo brasileiro afirmou mais cedo nesta quinta-feira que o novo governo argentino de centro-direita de Mauricio Macri tem sinalizado interesse em ver o livre comércio como parte de seus esforços para recuperação da economia.

A mesma fonte disse que o México tem que limitar importações de carros usados dos EUA antes de liberalizar totalmente o comércio com o Brasil. A importação de carros dos EUA reduz a demanda mexicana por carros brasileiros, afirmou a fonte.

Leia em:

<http://exame.abril.com.br/economia/noticias/brasil-quer-livre-comercio-de-carros-com-mexico-e-argentina>



UE rebaixa previsão de crescimento no euro

Fonte: Valor Econômico

Data de publicação: 05/02/2016

A desaceleração das economias emergentes representa um grande risco à recuperação da zona do euro, disse a Comissão Europeia ao reduzir a projeção de crescimento da região para 2016. A Comissão alertou ainda que a inflação será muito mais baixa que o esperado.

Leia em:

<http://www.valor.com.br/internacional/4425424/ue-rebaixa-previsao-de-crescimento-no-euro>



Setor Têxtil: Indústria aposta nas exportações e na substituição de importados para voltar a crescer

Fonte: Abit

Data de publicação: 05/02/2016

Em 2015, as importações de têxteis e confeccionados tiveram queda de 17,4% (US\$ 5,85 bi) e as exportações diminuíram 8,2% (US\$ 1,08 bi). Já o déficit na balança comercial foi de US\$ 4,8 bi, número 18,6% menor que o registrado em 2014 (US\$ 5,9 bi), em que as importações tiveram um aumento de 4,8% (US\$ 7,08 bi) e as exportações apresentaram queda de 6,7% (US\$ 1,18 bi). Para 2016, a perspectiva é de que o déficit da balança comercial seja de US\$ 3,4 bi, com uma queda de 22,4% (US\$ 4,5 bi) nas importações e um aumento de 1,5% (US\$ 1,1 bi) nas exportações do setor.

Para Rafael Cervone, presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), o setor voltará a crescer com o aumento das exportações e com a substituição de importados na indústria nacional. "Acreditamos que, em 2016, teremos uma substituição de importações de produtos têxteis, de aproximadamente 200 mil toneladas; e de 200 milhões de peças, no que diz respeito ao setor de vestuário", explica Cervone.

Leia em:

<http://www.aduaneiras.com.br/Materias?guid=d4c10c75f74e2bda05df25052d84d51e>



Câmbio desvalorizado abre espaço para recuperação do setor têxtil

Fonte: EBC

Data de publicação: 04/02/2016

A desvalorização do real abriu espaço para a recuperação do setor têxtil. A previsão da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit) é que as vendas para o exterior cresçam 1,5%, chegando a US\$ 1,1 bilhão neste ano, em contraste com a queda de 8,2% registrada em 2015. Mesmo se confirmada a perspectiva de alta, o valor será inferior ao US\$ 1,18 bilhão alcançado em 2014. Naquele ano, as exportações do setor caíram 6,7%.

O câmbio deve ainda, segundo as previsões dos empresários, aumentar a procura pelos produtos nacionais em substituição aos artigos importados. A estimativa é de que as importações tenham uma retração de 22,4% em 2016, e a produção têxtil cresça 9%. O faturamento deve chegar a R\$ 127 bilhões, ante R\$ 121 bilhões em 2015. No ramo do vestuário, a expectativa é de queda de 1,8% na produção deste ano, em um segmento que enfrentou retração de 10% em 2015.

Apesar na melhora do cenário para o setor, o presidente da Abit, Rafael Cervone, avalia que as dificuldades ainda são grandes, inclusive pela queda do consumo no mercado interno. "Vamos ter um primeiro trimestre muito difícil. Isso deve começar a se inverter no segundo semestre", ressaltou. Cervone destacou que a indústria têxtil tem uma ociosidade significativa, usando apenas 78% da capacidade instalada.

Além disso, Cervone diz que as turbulências políticas dificultam o ambiente de negócios. "Essa crise é mais política do que econômica", enfatiza. Para ele, somente a desvalorização da moeda não é suficiente para alavancar as vendas para o exterior de forma sustentável, é preciso um trabalho de contínuo tendo em vista o longo prazo. "Exportação não pode ser uma agenda pontual por causa do câmbio", acrescenta.

O vice-presidente da 2 Rios, Matheus Fagundes, concorda com a avaliação. O fabricante de lingerie, que atua em 20 países, prevê vendas 30% maiores neste ano. Porém, o executivo ressalva que só vai aproveitar o câmbio favorável quem havia investido na estrutura de exportação. Fagundes diz que o trabalho para entrar em um novo mercado pode variar de 2 a 5 anos. "É uma ilusão, porque a gente não sabe até onde esse câmbio vai durar", pondera sobre as possibilidades de ganho.

Na opinião de Fagundes, é necessário aumentar a competitividade da indústria nacional. "Quando o dólar vai lá no alto, ele maquia a nossa falta e competitividade e até, em algumas vezes, de produtividade".



Afastado do mercado externo desde 2008, o fabricante de jeans Fábio Américo diz que tem enfrentado dificuldades para encontrar clientes fora do Brasil. "Existe uma falta de confiança dos clientes no exterior", ressalta. Segundo ele, a volatilidade do cenário econômico brasileiro afasta grandes marcas das empresas nacionais. "As empresas dos Estados Unidos me perguntaram se eu garantia esse mesmo preço para o ano que vem. Me desmontou, não tinha o que dizer", conta.

Mesmo com a retração que atingiu a maior parte do setor, Américo diz que conseguiu expandir as vendas em 7% no ano passado. "Eu ganhei clientes, fiz um trabalho comercial muito bom", justifica. No entanto, para 2016, ele espera um ano pior. "Nós estamos tentando, mas está difícil".

Leia em:

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2016-02/cambio-desvalorizado-abre-espaco-para-recuperacao-do-setor-textil>



Brasil vai promover alimentos em Omã

Fonte: Anba

Data de publicação: 05/02/2016

Alimentos produzidos no Brasil serão promovidos em Omã em outubro deste ano numa ação voltada especialmente para o comércio entre os dois países, segundo acordo feito entre o ministro da Indústria e Comércio do país árabe, Ali Al-Sunaidy, e o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior do Brasil, Armando Monteiro. A necessidade de suprimento de alimentos de Omã pelo Brasil esteve no foco das discussões, já que a nação árabe produz apenas 25% do que consome. Os omanitas apresentaram seu país também como uma porta de entrada para outros mercados, como Irã, Índia, Paquistão e Afeganistão, segundo noticiado pela Agência Anba.

Leia em:

<http://www.anba.com.br/noticia/21870403/diplomacia/brasil-vai-promover-alimentos-em-oma/?indice=20>